

# Estrelismo, a preocupação

Vera Ramos

**P**unir o excesso de estrelismo de alguns membros titulares da CPI e avançar mais rapidamente nas investigações sobre o envolvimento dos parlamentares citados nos depoimentos do ex-assessor do Congresso, José Carlos Alves dos Santos, tornou-se uma das principais metas dos dirigentes da Comissão Parlamentar de Inquérito. Ontem mesmo o relator Roberto Magalhães fez um apelo contra os vazamentos.

Às vésperas de um importante ano eleitoral, dificilmente essa CPI não se transformaria em palco de ferrenhas disputas partidárias. Mas o que começou a despontar na semana passada deu para assustar vários líderes do Congresso. Enquanto o senador Pedro Simon (PMDB-RS), líder do Governo no Senado, ad-

vertia seus correligionários para o perigo dessa CPI se desmoralizar tornando-se um palanque eleitoral, outros parlamentares temiam que a explosão de uma acirrada disputa no âmbito da Comissão Parlamentar de Inquérito desse munhão àqueles interessados em boicotar as investigações.

**Objetividade** — Para o deputado José Serra (PSDB-SP), “está faltando objetividade” na CPI que apura a corrupção na Comissão de Orçamento. “De nada vai adiantar que se faça uma investigação de forma esparramada. Se a Comissão Parlamentar de Inquérito não definir prioridades nas apurações, essa CPI vai terminar somente no ano 2000”, censurou ele.

Enquanto o deputado paulista cobra objetividade dos responsáveis pelas investigações na Comissão Parlamentar de Inquérito, o deputado Gilson Machado, do PFL de Pernambuco, aponta a imprensa como responsável por esse clima de “caça às bruxas” que se instalou no Con-

gresso. “Basta o cidadão ser citado nos depoimentos para ser tido como corrupto. E como estamos perto das eleições, é natural que os adversários se aproveitem disso para obter vantagem. A imprensa distorce e o sujeito já está condenado antes mesmo da CPI apurar qualquer prova material”, queixou ele.

Mas a preocupação de que a Comissão Parlamentar de Inquérito seja consumida pela fogueira da disputa partidária às vésperas de um ano eleitoral já chegou à mesa diretora da Câmara dos Deputados. Para o primeiro vice-presidente, Adylson Motta (PPR-RS) se a CPI for transformada em palanque eleitoral os maiores perdedores serão os próprios parlamentares. Em sua opinião, a disputa política deve dar lugar a coisas mais importantes que é a depuração da imagem do poder legislativo perante a opinião pública. “Estamos vivendo um momento muito difícil mas não temos como evitar isso. Resta apenas confiar no bom senso dos políticos”, concluiu.